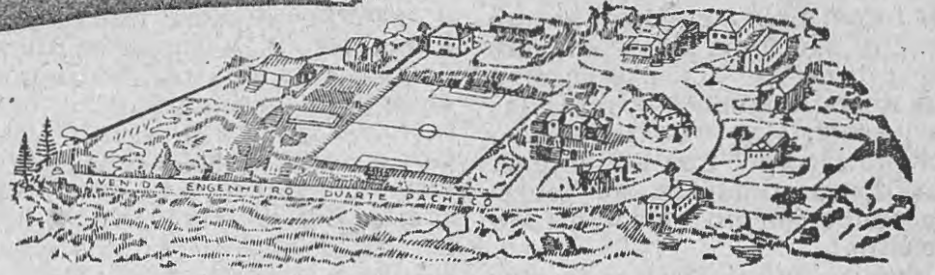




Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º—198
Preço 1\$00

CASAS

Em um dos últimos números do jornal, lia-se no *Aqui Lisboa* um caso de estremecer; na sua costurada rusga, Padre Adriano encontrou a viver dentro dum quarto, uma data de gente. Ele fala em catorze pessoas de entre as quais uma criança de catorze anos, em vésperas de ser mãe! Não é naturalmente a idade. Não é. A lei permite. A consciencia aceita. A moral diz que sim. Então quê? É que este e outros actos semelhantes, são praticados sem consciencia, sem lei e sem moral. Mas há pior. Nós sabemos e pretendemos que não! Pergunta-se; quem peca?

A seguir àquela notícia que dá o Padre Adriano, ele faz um apelo, sem mais comentários. *Casas para pobres*. De sorte que temos aqui um bom médico; um médico de doenças sociais. Bom médico, digo, porque dá com o mal, prepara e aplica o remédio; ontem, a uns metros da nossa casa do Tojal, ele mais eu lançamos a primeira pedra da primeira casa para pobres. Eis. O risco é exactamente o mesmo das de Paço de Sousa, só o material é que não.

Eu tenho que isto de casas para pobres, deve ser o nosso problema. Digo nosso, porquanto os que delas necessitam e que são nossos, esses não têm capacidade. Não os podem resolver. Depen-



Até os mais pequeninos, com suas padiolas, juntam e transportam pedras para novas construções. Ao pé, vê-se uma das felizes vivendas do Património dos Pobres.



A Ti Jaquina, passou aqui muitos invernos da sua vida e como se isto fora pouco, ainda por cima pagava renda! Agora não; acabou o seu martírio. A justiça é um tal predicado, que a beleza das novas moradias é feita desta desgraça!

dem. Não se pode abusar desta dependencia. Por ela desgostamos os que não são nossos. Podemos vir a ser injustos e levá-los, assim, à revolta. Este problema é nosso. E dos que podem. Ele impende.

Não devemos de maneira nenhuma dar crédito à doutrina dos comodistas, quando ensinam que o habitante da barraca fica a suspirar por ela, se lhe dão uma casa decente. Isto não é verdade. Eu já o sabia, mas ultimamente mais me certifiquei com a transferência dos habitantes das nossas primeiras casas. Exemplo: um deles, que possuía na sua barraca um lavatório velho, quando soube da notícia da sua casinha, tratou de o raspar e pintar. E no dia da visita pública, ele pedia a todos que lho não sujassem. Este mesmo habitante, enquanto a visita durou, não cessava de dar graças a Deus enquanto se confessava indigno do seu novo tesouro. Uma viuva entrevada, tinha-se penteado e vestido a roupa do domingo, quando chegaram para a transportar num carro de bois. E uma outra, nas mesmas condições, fez da mesma sorte. De dois, sei que pediram tinta e a alguém que, por amor de Deus, lhes pintasse uns pobres móveis. Por entre as manifestações de alegria indizível, todos estes novos moradores mostram uma grande sujeição e obediencia. Não querem mexer no que

está, sem licença. Têm medo de desgostar. E' uma dependencia grata, que nos obriga a amá-los mais. Quanto ao asseio, eu já tenho visto nas casas deles vasos de flores. Há os que não querem queimar lenha verde, não vá ofumo sujar a casa.

Sim. Não é verdadeira nem tem fundamento a doutrina dos comodistas. Dê-se ao pobre um ambiente de pobre e ele ama-nos. Ele ama a vida. Deixem-o cair na miséria e aqui temos o perigo da revolta.



Braços fortes e cheios de sangue, ajudam a construir bairros, aldeias e moradias.—Um Mundo Novo.

Aqui, Lisboa!

Está lançada a primeira pedra para uma série de casas para pobres, aqui no Tojal. Logo no começo a Providência se encarregou de manifestar a sua aprovação, como outrora a Pedro nos Mares da Galileia: *duc in altum!* Anda lá, que eu ajudo... Quando riscávamos os caboucos, pára junto de nós um carro. Desce um grande senhor e deixa 500\$. Pouco depois chegava o Octávio, da venda do jornal, e entregava um cheque de outro tanto. Era de alguém que espera, dentro em breve, ter uma casa e envia um tejo para uma dos Pobres. Outro ardina entrega 40\$ para uma telha. Neste mesmo momento chega radiante o Carlos Alberto com a notícia de que a Sacor continua inflamada, pois circula por lá uma nova lista já com sete contos.

A Sacor não quer, decerto, atrair as fúrias que saíram à volta da sua colega da Pérsia. Como noticiaram, os primeiros delegados que iam entabular negociações, foram levados através dos bairros sórdidos da região, para que vissem a miséria que por lá ia, apesar da riqueza da exploração. Faz muito bem a Sacor, mas nós temos por cá mais empresas com a palavra reservada. Vamos a ver.

E haverá, por aqui, necessidade de Casas para pobres?

Qual a terra em Portugal, em que os Pobres vivam em casas decentes?

Pois aqui, pior que em muitas outras. Basta dizer que há quatro anos que aqui estamos e não vimos ainda construir sequer uma casa. E são cerca de 40 os casamentos feitos. Na Penitenciária, há conterrâneos a sofrer a pena devida a conjugicídio e matricídio — crimes que têm a sua origem na falta de habitação. Mais ainda: nesta freguesia fecharam já duas escolas e está outra em via de extinção, por falta de crianças — consequencia da crise de habitação! E os pobres que vivem por aí em currais e barracas de canas? E os que foram para a viela de Lisboa? Sim; as casas vêm numa hora crítica e são ambicionadas por milhares de pessoas da classe média, quanto mais pelos Pobres...

A decadência do Tojal começou com o arrolamento deste Palácio da Mitra. Por toda a parte se vêem ruínas. Com a fundação da Casa do Gaiato, circula já nova seiva de vida.

Com as casas para Pobres nós vamos limitar o exodo da miséria da Província para a capital e contribuir para que seja atenuado o pesadelo que esmaga a Câmara de Lisboa e os homens do Governo que já deram fé da extensão do mal.

P.º ADRIANO

DOCTRINA

No dia da entrega das primeiras casas do Património dos Pobres, apareceu aqui um cavalheiro, o qual me pediu licença para tirar fotografias e eu disse-lhe que sim. Ele não tinha sido chamado, mas estimei a sua presença e mais ainda, quando as vi referidas nos jornais. Mal sabe aquele senhor, do alvoroço que vai hoje na alma dos portugueses, ao tomarem conhecimento de como tudo se passou!

Bendita hora! Feliz reportagem!

Das cartas que estão chegando dia a dia, isso nem se fala! São multidões de magoados e de feridos pela simplicidade do acto. Não se acredita na ausência dos elementos do costume. Isto significa que não estamos ainda preparados para esta Beleza.

O Diário de Notícias diz que eu sou um benemérito: *o benemérito padre fulano*. Mas não é verdade. É maneira de dizer. É uma palavra de jornal. Benemérito, diz-se de um indivíduo rico, que das sobras dá para uma escola ou para uma igreja ou para um hospital; e ao depois vai receber a Comenda, como é uso dos mortais. Nunca se viu benemérito que não seja comendador. Ora eu estou de fora.

Na minha doutrina, os Obreiros do Evangelho, têm-se na conta e são na realidade servos. Não quaisquer, se não que servos inúteis. Eles sabem que não fazem falta e que outros, chamados, fariam mais e melhor. *Servos inúteis*. Isto é doutrina. *Quam perigoso* não é para esta sociedade, um homem movido interiormente por uma tal força. — *Quam?* Benemérito eu? Tinha vergonha de o ser!

Se vamos a isso, os beneméritos desta obra são os seus próprios beneficiados. Estes sete indigentes que acabam de se instalar nas sete primeiras casas, são os grandes e desconhecidos beneméritos delas. Desconhecidos, digo; se nós soubessemos quem eles são e quanto valem na economia social, nunca os teríamos deixado cair no chão como nesciamente temos feito! Beneméritos, digo bem. Pois de onde é que vem esta brisa espiritual, como se fora o Paraíso da graça primitiva? De onde uma tamanha e santa curiosidade dos leitores, a pontos de terem sido muitos os que se deslocam ao sítio das casas?! Deles. Isto vem tudo deles. Eles são os beneméritos desconhecidos.

Entre muitas que se recebem todos os dias, veio hoje uma carta de um oficial do exército: *Hoje mesmo li no jornal a notícia da inauguração das primeiras sete casas e acredite que me deu vontade de chorar ao ver quanto é capaz de fazer quem não tem nada de seu!! Quanto pode a caridade cristã!!!*

Primeiramente notemos o sentimento deste homem de armas, que o leva a ter vontade de chorar. As lágrimas são a expressão da bondade. Segundo, notemos que ele se admira duas vezes de um homem fazer tanto sem ter nada de seu, e admira-se três vezes da força da caridade cristã. Mas isto não são pontos de que alguém tenha de se admirar; antes, uma coisa e outra, são o curso normal das obras de Deus. Não há ninguém neste mundo que seja capaz de abrir e sustentar uma obra destas, tendo ou guardando para si alguma coisa. Tem de ser uma renúncia total. Sem ela é impossível. A mim, o que me admira é

Do que nós necessitamos

Mais quinhentos escudos para o Barredo de uma visitante de Famalicão. Não é bem da vila; é de ao pé. E' um casal São conhecidos por darem muito. Mais outro tanto, só para nós e para Deus. Gosto muito desta legenda: *nós e Deus*. Quem dela fizer a sua vida, acerta. E' feliz. Mais 200\$ de Braga. Mais uma caixa de roupas usadas e lá dentro 100\$. Pergunta-se se eu posso celebrar e qual o preço de cada missa. Esta pergunta é infeliz. Repugna. A missa não é mercadoria. Não tem preço. Sim; posso celebrar. Mais 50\$ de Braga. Mais a Maria do Porto que manda 100\$ para a vaca e promete mandar o mesmo no dia oito de cada mês. Mais 20\$ do Porto. Mais cinquenta de Penamacor. Mais cem de Chaves. Mais outro tanto de A. E. A. que mora em Lisboa. Mais de Luanda, da Maria, 100\$ para dois pobres do Barredo. Luanda! Selos de peixes e de pa sarinhos!

VILEGIATURAS

A gente vai buscar estas palavras grandes aos grandes jornais e para não ficar atrás dos maiores, escarrapacha-as aqui. Vilegiaturas. Os primeiros a gozar férias, foram os três que trabalham na *Oliva* e como todos tinham vindo da casa de Miranda, ali as foram passar. Carlos Inácio, chegado o seu tempo, também ali foi estar uns dias, tendo passado os últimos deles em Paço de Sousa. Zé Eduardo teve umas férias muito atribuladas. Padre Horácio acusa-o de muito mimo e por isso obrigou-o a trabalhar na Colónia de Férias da Senhora da Piedade de Tábuas. No final, como ainda o não tivesse por curado, remete-o ao Padre Adriano, o qual, por sua vez, o manda trabalhar para a Colónia de Férias da Ericeira; depois do que o faz vir para o Tojal e ali o obriga a tomar parte na colheita do milho. O rapaz chegou-me nos primeiros dias de Setembro feito um São Lázaro: *olhe prá's minhas mãos*. Eram calos. Zé Eduardo vingou-se de tudo e de todos, nos dias de Setembro... O Chico das pombas *acaçou-me* 200\$00 e foi passar as suas férias a S. João da Madeira. O António Prata, com outro tanto, foi fazê-las à sua terra natal, C. vilhã. O Rodrigo mai-lo Carlos Veloso, estiveram em Miranda. Alfredo Martins o antigo *Fala Grossa*, esteve em Paço de Sousa. Ele quis ir até ao Tojal, mas foi-se a ver e não tinha saldo... O senhor Carlos Gonçalves esteve no Espadanal. O Júlio mai-lo seu irmão Amadeu, estiveram em Elvas. Este último, como sempre costumava fazer, tentou mas eu disse que não... Ele teve há tempos um grande aumento no ordenado. Por último Avelino, o silencioso, deve ir comigo aos Açores a título de prémio de férias. E mais nada. Vejam os senhores se nós estamos ou não integrados na sociedade!

a presença de obreiros que se queixam por lhes darem pouco, guardando eles simultaneamente o que é seu. Isto é que me faz admirar. A campanha das cem casas, tem o seu fundamento nesta doutrina; e se depois destas construídas levantarmos outras tantas, é ainda na força da mesma.

Faça-se luz no mundo. Cristo Jesus é a Luz do mundo.

São das cartas que eu mais gosto e daquelas que hoje mais chegam! Mais cinquenta da Certã. Mais mil de Algures para os mais pobres dos seus pobres. Eles são todos tão pobres e o que me faz pena, é que isto não era preciso, nem faz bem — Então quê? Bastaria que os ricos o fossem menos. Eu cá achava justo que uma lei pacífica limitasse as fortunas pessoais, aonde a consciência o não quisesse fazer. Então sim. Mais de Vila N. de Gaia. 250\$ para entregar aos mais pobres do Barredo. Mais 20\$. Mais outro tanto. Mais 100\$ do Porto. Mais cem de uma Montemorense. Mais 1.500\$ de Setúbal. Mais quinhentos de uns recém-casados. Mais de Lobito outro tanto, do Carlos Soares. Lobito! Selos de peixes e de pasarinhos! Sem desprimor para as do Continente, das cartas africanas é que eu mais gosto. Mais cem para poder fazer parte da vaca. Este senhor promete dar mil deles, em prestações. Eu cá fico à espera, para dar contas ao meu sócio. Nós não fizemos escritura, que as vacas não a pedem; mas a palavra vale tanto como ela. Mais cem de um anónimo. Mais idem, idem. Mais 50\$ para o Barredo. Mais trinta. Mais quinhentos de Espinho. Mais 50\$ de Santarém para a doente do Sanatório de Coimbra. Ela encontra-se, como é sabido, num quarto particular. Sabe-se que, mal entrada ali, olha em redor, aperta as mãos na cabeça, fixa os olhos no seu marido e exclama: *mas isto é o céu!* Sim; ela vinha do inferno. Eu conheço o inferno aonde ela estava condenada a morrer. Tem graça que todos os novos ocupantes das sete casas de pobres, usam da mesma exclamação e repetem-na hoje a quem os vai visitar: *nós estamos no céu!* Sim; eu sou testemunha do inferno aonde eles estavam e haviam de morrer! De forma que temos aqui os verdadeiros pregadores das verdades eternas. E cutemo-los. Mais setenta de um rapaz, da *Equipa Invicta*. E' uma oferta de todos. De outros clubes idênticos, temos recebido importâncias semelhantes. São campistas que acontece passarem pelo nosso *Morris* nos fins de semana, e a gente pára e manda entrar e eles entram e fazem seus acampamentos e conversam todos e mandam dinheiro. Eu só tenho de me alegrar por esta ideia felicíssima que agora vai tomando vulto. São muitos os campistas de fim de semana. Que bem fugidos às cidades! Que lucro espiritual! Eu cá faço o que posso; dou-lhes boleias. Mais de S. Pedro do Sul 50\$ para a vaca. Mais um donativo de 2.650\$00 da Vacuum. Mais 50\$00 de um par dos Açores. Mais outro tanto de Valongo. Mais de Lisboa uma caixinha com doze canetas. Elas têm cabeças de oiro reluzente! Tem sido aqui o fim do mundo. Mais 20\$ do Espadanal. Mais idem de Évora. Mais idem de Ermezinde. Mais idem de Lisboa. E mais nada.

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

Afrouxar não é parar. Não podemos falar com verdade de montes de listas; tão pouco dizer que regressaram cheias, todas quantas a princípio se enviaram. Não. A maior parte delas nem sequer foram lidas ou, tendo-o sido, não foram consideradas. A maioria dos homens que sabem ler e podem ajudar, costumam andar ocupados consigo mesmo. Daqui nasce que muitas listas, diria mesmo a maior parte, não foram consideradas. O movimento, por isso mesmo, tem afrouxado, mas ainda não parou. Continua a ser verdade não vir um dia ao mundo que nos não dê um novo assinante. Nós chamamos a isto um nascimento. Um nascimento é uma alegria. Garante-se a continuidade. Conhecem-se outros irmãos: *eu também assino*. E como tais se amam. É um nascimento. A Obra da Rua é mãe. A sua doutrina, plen. O Gaiato fecunda. Vamos prós cinquenta mil.

TRIBUNA DE COIMBRA

GRANDES COISAS: *Atrás da tormenta vem a bonança*. Todos ainda se recordam (e eu também) do que foi a nossa viagem à Nazaré. No último número, a propósito, eu pedia pneus e dizia que a Mabor já fabricava. Na aflição recorri também a essa fábrica: são portugueses. Primeiro vieram descontos especiais. Então recorri à cabeça da Administração e ontem chega uma carta a dizer: *venho comunicar que estão à vossa disposição na nossa Delegação em Coimbra 5 pneus e 5 câmaras de ar que precisa o vosso carro*. Que bálsamo tão doce esta carta veio derramar nuns furúnculos que me atormentavam! Bendito seja o Senhor por todos os benefícios! Bem hajam os Senhores da Mabor! Alegrem-se hoje aqueles que ontem se condoíam conosco!

Num dia de muitas preocupações (eles são quase todos assim) de passagem por casa dum senhor, amigo de fazer bem, ele tem um assunto grande a tratar: *eu tenho três terrenos que quero dar para Casas para Pobres*. V. veja e estão à vossa disposição. As nossas almas chocaram-se; era mesmo aquilo que eu queria. Oh Deus de toda a doçura, que valem as nossas aflições, se Vós num instante renovais a face a terra e renovais os corações dos homens! Nas Vossas mãos entregamos as nossas aflições.

Vai ser uma realidade muito breve a primeira casa para Pobres em Miranda, junto à Casa Mãe das Casas do Gaiato. Está dado o primeiro e grande passo. Vai ficar juntinha da nossa Casa e ainda mais juntinha da Casa do Pai do Céu: a igreja paroquial. É obra essencialmente cristã. As Casas para Pobres são da Igreja e de mais ninguém.

A igreja fica no cimo dum monte a raiar luz a todos os homens que a queiram e a primeira casa para Pobres vai ficar logo na encosta, muito batidinha do sol, alegria da criação. Um encanto; um amor! Todos se hão-de alegrar; e os moradores da dita hão-de bendizer eternamente o seu Grande Benefitor e todos os outros benfeitores.

Já tenho actualmente duzentos e vinte escudos, sendo cem da tal doentinha e cem dados ante-ontem

(Continua na 3.ª página)

DIVULGAR

«O GAIATO»

ANGARIANDO

NOVOS ASSINANTES

Agora

Só faltam 1 008.475\$00

A frente vai hoje um guão de doze contos. É a terceira prestação daquele senhor do Porto, anónimo, que prometeu cinco delas. Muito gostaria eu que ele viesse por aí abaixo, dentro do seu formoso anonimato, e entrasse numa, para gozar. Ainda hoje ouvi da boca da Ti Jaquina, uma das felizes ocupantes, este mesmo verbo; *pode ser que não seja por muito tempo, mas enquanto estamos, gozamos.*

Ela fala no plural, *gozamos.* Ela, assim como os outros, vieram da corte. Só ela é capaz de dar a este verbo toda a força, toda a expressão, todo o sentimento. Todos os gozos do mundo são falsos; e que dizer dos que privam os nossos irmãos do que é seu? De Pardelhas vai uma viuva com cem escudos. Agora afastem-se um bocadinho e deixem passar uma heródina do Evangelho: *envio o meu salário de dois dias para uma telha das casas; 20\$00.* Telhas de cristal! Imediatamente a seguir vai outra heroína; esta é do Porto. Ora ouçam: *o primeiro abono de família da minha primeira filha 100\$00.* Eu acredito na Vida Eterna. Eu acredito na existência da alma. É impossível que nós sejamos animais de morrer e acabar. Quem o diz? Esta procissão! Das Caldas da Rainha vai um oficial miliciano com cem escudos. O Porto leva uma ripa de 20\$. A Maria do Rosário leva cinquenta. O Agostinho de Cucujães vai aqui a vergar com duas telhas de 100\$. Quem há em Cucujães que lhe queira botar a mão? O assinante 18.225 leva quarenta escudos. Agora falam operários. Trabalham em Soure mas são *Tripeiros.* *Estão nossos corações de operários repletos de felicidade indo no Agora com trezentos escudos.* Que o nosso Deus os ajude e os patrões lhes não faltem para que num futuro próximo cada trabalhador possa ter a sua casa. Amen. Vai aqui uma Portuguesa da Ilha de Moçambique com 130\$. E com metade vai outra da Beira. E outra vez com 100\$ vai o Carlos, de António Enes. Também vai a Maria de Lourdes do Lobito com duzentos. *E fico esperçada que daqui sigam o suficiente para uma casa completa.* Eu cá também; e não só o Lobito mas igualmente todas as circunscricões e vilas e cidades do nosso Império, como pretendem os habitantes do Xai-Xai. Eu tenho essa esperança. A Carmem de Beja manda cem. *Sou vicentina, os meus pobres vivem em barracas, sei bem o que vale esta obra.* Home'essa? Então no Alentejo também! De Lisboa vai o E. A. com quinhentos escudos. Luanda leva mil. É uma professora primária. Com certeza ficou sem nada! O amor esgota. E vai esta carta:

«Com os desejos de imensas

no Luso para uma telha das Casas para Pobres, com pena de não ser com um zero à direita e vinte ontem em Mira para a sua telha. Eu não me zanguei. Quem diz que não tem uma, tem mais. Só ainda temos para telhas e ainda nem para todas. O resto há de vir. Examinai bem tudo o que é necessário para uma Casa para Pobres!

Conto na próxima quinzena já estarem feitos os alicerces. Mãos à obra. Aquele que deita a mão ao arado e olha para trás, não é digno de seguir o Mestre. Vamos prá frente.

felicidades para todos, venho lembrar-lhe que, por intermédio do seu jornalzinho, talvez fosse possível conseguir dinheiro, para construir uma série de casas para pobrezinhos, desta maneira:

«Cada fumador tirava 5\$00, a quantia que mensalmente dispõe para tabaco. E se houvesse a felicidade de se encontrarem 100.000 contribuintes, teria 500 contos, que dariam para umas dezenas de casas, devidamente mobiladas. Vale o pedido, Pai Américo, no seu Famoso?»

Aos 100.000 fumadores contribuintes, os 5\$00 de cada não lhes faziam falta e concorririam, assim, para minorar a infelicidade de umas dezenas de famílias. Que Deus nos proteja.

Com os protestos de muita felicidade, creia-me com muita consideração.»

Isto é naturalmente impraticável, mas revela o interesse que reina hoje em Portugal. Outra carta; esta é de Aveiro:

«Coube à minha filha honra de ser o anjinho mais novo que se incorporou na «Procissão da Nossa Tipografia», pois entrou nela quando só contava 58 horas neste mundo.

A procissão recolheu, mas as procissões deste género não podem recolher. Necessitam andar sempre nas ruas para que o mundo veja como o mundo está tão doente.

Louvo-o, meu bom Padre, por ter feito sair uma nova procissão «Agora» com o fim tão humanitário de construir casas para os Pobres.

Deus concedeu-me a graça de me dar um filhinho que, neste momento, tem a bonita idade de 48 horas.

É em seu nome que envio um vale do correio de 100\$ para que ele possa incorporar-se nessa não menos grandiosa Procissão que se chama «Agora».

Diga no «Gaiato», meu Bom Padre, como seria interessante, se Jesus, que uma casa fosse construída por meninos de idade inferior a um ano. Não seria uma satisfação uma alegria infinita, a ligação da Velhice com a Meninice? Como ficaria contente alguém arrancasse a «camisola amarela» ao meu querido filhinho!

Quem diz para aí que nós, acabadas estas cem casas, não vamos dar imediatamente começo a outras cem? A Maria da Chamusca vai com setenta. Tondela leva 50\$. Foz do Douro vai com cem. O Porto entregou ao porteirito do Lar 1.000\$; *a obra pelo seu fim e pelo seu resultado não se descreve, não se elogia; vive-se.* Eis aqui uma bandeira. Castelo Branco leva dois contos. O Porto vai com cem. Logo atrás a Maria leva cinquenta. Uma assinante do Porto vai com meia duzia de telhas 100\$. *Muitas vezes penso enviar mais, mas as tentações deste mundo. Peço perdão a Deus e aos pobres.* Eis aqui doutrina. Eu cá digo mal do mundo. Quem houver de fugir dele tem que primeiramente pedir perdão a Deus e também aos Pobres. Esta doutrina, tão simples que uma criança assimila e pode praticar, esta doutrina, digo, é o contra-veneno das chamadas festas de caridade. Um assinante de Famalicão veio ver as casas e deixou mil escudos. Mesmo que não deixem nada, venham ver. Venham gozar. Vai aqui Sintra com 200\$. E disse.



Neste e noutros lugares assim, nós temos necessidade de distribuir às mãos cheias. Esta necessidade provem do muito que nos confiam para distribuir. Tanto, que as despesas quase astronómicas das nossas casas abertas, não são suficientes para consumir tudo! Esta é a ordem natural das coisas, nos domínios da Fé teologal. É próprio. Os de casa, compreendem e andam para a frente. Os de fora, não, e irritam-se!

Desta vez foi no regresso de S. João da Madeira, que nós descemos por Gaia e paramos nos Mercadores. Eram os chefes de Paço de Sousa e do Porto, que vinham de tomar parte na reunião mensal; desta feita, em S. João. Que grandes coisas não oíço eu hoje destes ontem recuperados! E como é fácil e doce recuperá-los! E quão perigoso, afastá-los!

Pois é verdade. A nossa primeira visita foi no último andar duma casa que só vista... Ali, num corredor, jaz há três anos uma pessoa. Um vizinho dá-lhe o caldo ao meio dia. Uma senhora da conferência, seis escudos por semana. De uma gateira, por cima do catre, entra a chuva, entra o frio e entra o sol. Há três anos que aquela pessoa não vê o céu! Júlio o chefe de Paço de Sousa, que não é nada de confundir com o Júlio Mendes da Tipografia; Júlio, digo, estava admirado, de tudo quanto via e ouvia. Era a sua primeira experiência. Eu tinha-lhe dado a carteira e a ele coube naquela tarde, fazer a distribuição. Adiantou-se um pouco e enquanto coloca algum dinheiro nas mãos do aleijado, faz perguntas e ouviu-lhe dizer isto: *a gente quando não tem de comer, cinge-se.* Eu também ouvi! O rapaz turva-se. Dos olhos brotam lágrimas. Despedimo-nos. Gente de todas as classes e idades, assoma, enquanto desciamos os pisos da casa. *Aique esmolação bem empregada,* ouvia-se da boca deles. Nós somos ali conhecidos. Eu gosto que os pobres nos conheçam. Chegamos ao fundo. Estamos na rua da Lada, uma das mais típicas da Ribeira, que fica por detrás dos Arcos. Fizemos pausa. Júlio tinha ainda os olhos humedecidos. *Eu também me cingia; eu também já fui assim.* O Júlio compreendeu perfeitamente o triste significado da palavra que em cima escutara ao que há três anos não vê o céu! Aqui há tempos, eu propus um passeio com este Júlio à terra aonde ele foi pequenino e esperava que me dissesse que sim. Pois não dis-

se. *Passai por lá muita fome; não a quero recordar.* E não fomos. Este Júlio, se não tem hoje, teve pai. Não sabe quem ele é, mas isso não faz nada ao caso. Eu acredito no Juízo Final. Se nós fossemos animais de morrer e acabar, seríamos os mais infelizes de todas as criaturas. Porquê? Porque somos injustos e sabemos que sofremos as injustiças. Os outros animais, não.

Iamos agora os três por becos e por vielas. Entramos numa porta. Havia dentro dois coixotes, sua criança em cada um. Júlio entra sem perguntar nada a ninguém. Ele levava a carteira... Havia ali remédios dentro de garrafas. Havia muitas moscas. Ao pé dos coixotes, era uma rapariga quase velha, que saíra há tempos da maternidade e tinha ali dois inocentes — condenados. Estávamos na viela... Outra vez digo: Acreditado, acredito, acredito na Vida Eterna. Ainda que isto não fosse objecto da Revelação, a mim basta-me o que vejo para acreditar no que não vejo.

O NOSSO LIVRO

Arda a sétima telha no prelo. O Júlio tem esperança que todos os nossos leitores, no Natal, possam ter um seu e fazer de outro um presente da Festa. Eu cá digo que sim. Eu faço meus os desejos do Júlio; e faço mais. Eu peço mais; ajudem-nos a comer o pão, o nosso pão, com o suor do rosto. Nós não pedimos nem pretendemos mais nada. Este suor é o fruto do nosso trabalho. Este trabalho é a carta profissional dos nossos rapazes. Esta carta profissional é uma substituição mui feliz dos mandados de captura a que todos estavam sujeitos! Eis aqui o suor. O segundo volume que ora aparece, é uma simples continuação do primeiro. São tudo coisas velhas e revelhas. Não apresentamos a última palavra. Não somos uma novidade literária. Nós somos o eterno. Somos o agora. Somos a graça natural da Criança abandonada!

Agora uma coisa que eu muito peço é que, os senhores que ainda o não fizeram, paguem o primeiro volume. O *Piolho* anda presentemente ocupado com o postal, cuja redacção é do Júlio e esta é uma linda peça de urbanidade. Eu não era capaz de tanto! Mais uma palavrinha e vou já terminar. São as fichas. A ficha é que manda o livro. *Piolho* tem tudo organizado; organizem-se também os senhores.

Quando o livro aparecer em vossas casas, é porque a ficha o manda. E se o manda, é que dela não consta o contrário. E se nunca comunicaram a dizer que não, agora digam que sim. Este sim significa o dinheiro. Nós temos de comer o pão com o suor do rosto

UMA COMUNICAÇÃO

Trata-se da já célebre legenda *Património dos Pobres*, que se lê nos cunhais das moradias. Tanta glória vai tendo aquela designação, que me apresso a revelar, mais uma vez, que aquilo não nasceu dentro de mim. Não me pertence. Tomei-a de uma carta, aonde vinha um donativo para o *Património dos Pobres*. Li. Achei feliz. Achei adequado. Perfilhei. Eis o seu a seu dono. Tão pouco é minha a ideia das casas. Eu vi-a nascer no peito dos meus Rapazes; dos vicentinos. São eles. O seu a seu dono. Mais. Os terrenos aonde as casas vão sendo construídas, são oferecidos. O dinheiro para as construir, é oferecido. As casas ficam pertencendo à Igreja. Qual é, pois, o meu quinto não presta Obra? A alegria dos Pobres! Mais nada. Mais nada.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA Os rapazes que vieram do Albergue são levados da breca. Eles são do Sejaquim e só fazem o que ele manda. Ora Sejaquim tendo de se ausentar nomeou para seu substituto o Mangas. Os do Albergue ao segundo dia da chefia do Mangas já lhe andavam com um pó, que nem o podiam ver. Era o caso que enquanto eles andavam a trabalhar o Sr. Mangas estava sentadinho num banco sem fazer nada. Os do Albergue juntaram-se todos e cairam em cima do Mangas descarregando-lhe uma valente carga de pancada, que o ia pondo de molho. O Sejaquim quando soube ficou contente por ver que os seus rapazes não são para brincadeiras...

Os senhores desculpem de vir outra vez seringal com a bicicleta a motor. E' que nós somos como as carraças; tanto havemos de chatiar, que os senhores a hão-de mandar.

FERNANDO MARQUES

LAR DO PORTO Foi no dia 19 de Agosto que uma comissão da nossa conferência foi de visita às casas dos pobres mandadas construir pelo nosso Pai Américo.

Ficamos deslumbrados ao vermos a graciosidade daquelas casinhas que estão habitadas pelos pobres da conferência de Paço de Sousa.

Abrimos a boca de espanto ao vermos as primeiras e ao repararmos que em cada uma delas em pedra lavrada e desenhado a preto se lia: PATRIMÓNIO DOS POBRES.

O Júlio, cicerone naquela visita, abrindo a porta da primeira casa, explicava-nos que além daquelas muitas mais se haviam de construir. Entramos. Tudo um encanto, tudo uma beleza. Pasmamos. O momento não era para menos. Depois de percorrermos a sala, entramos na cozinha, pasmamos de novo. Que amor de cozinha! Ao canto um pequeno forno para a Ti Maria cozer o seu pão. Mais ao lado uma lareira em pedra picada para no inverno a Ti Maria receber o calor e pôr as panelas ao lume e por cima uma larga chaminé para receber o fumo e espanhar-lo para a rua. Na cozinha há uma porta a qual dá para um pequeno terraço e há uma outra porta que dá para a sala. Esquecia-me de dizer que ao lado da lareira há um banco grande em madeira para os pobres se sentarem e receberem o calor da mesma, e que na sala há uma porta que dá para um quarto para a Ti Maria se deitar e descansar das fadigas do dia. Depois de percorrermos quatro das casas umas mais pequenas e outras maiores, fomos estrada abaixo a comentar da grande obra traduzida de uma vontade posta numa reunião pelos rapazes da conferência de Paço de Sousa, segundo nos disse o Júlio. Ao entregarmos a chave das casas, a Ti Maria, encarregada de as guardar, esta pediu ao Júlio que não se esquecesse da sua casinha ao que o Júlio respondeu: sossegue Ti Maria porque você também terá uma; ao que ela acrescentou de voz trémula: aí se eu me apanho numa dessas casinhas até julgo que é mental!

Assitimos à reunião da conferência de Paço de Sousa e vimos que quase todos os confrades diziam que o seu pobre precisa de medicamentos por se encontrar muito doente. Lá como cá. Na nossa conferência a maior parte do dinheiro gasto é em medicamentos para os pobres por se encontrarem doentes.

O nosso pobre da Lapa queixou-se que a Caixa lhe deixou de fornecer os medicamentos de graça visto ter chegado a tabela dos nove meses. E que, diz ele: dão-nos os medicamentos durante os nove meses e depois deixam de os dar. E nós é que aguentamos. Aquele pobre que recebia os medicamentos da Caixa recorre a nós. É pena.

A mãe da ceguinha da Rua Escura, faleceu. Ficou estabelecido mandar rezar uma missa por sua alma e pelo pobre falecido há pouco do Barredo. Também ficou lavrada na acta, assistimos à missa pelo fundador das Conferências de S. Vicente de Paulo que é Frederico Ozanam.

Temos recebido poucas ofertas e quem nos tem valido é a generosidade dos nossos subscritores que têm pago as suas cotas. Mas nós desculpamos os nossos amigos porque estamos em período de férias e é esse o motivo porque não nos têm mandado quase donativos nenhuns.

Está assente que a Nossa Conferência em colaboração com a de Paço de Sousa fará todos os meses a partir de Outubro um programa em seu favor num dos principais postos de Rádio desta cidade.

A ser assim esperamos aumentar para muito mais o número de pobres a socorrer pela Nossa Conferência. Informamos os nossos estimados leitores que temos uma despesa perto de 1.000\$00 por mês, fora os extraordinários como sejam de vez em quando, o pagamento de rendas de casa, medicamentos constante-

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Continuamos com o Presidente. Presidente mai-los visitantes. Actualmente ele ocupa-se com uma grande turma de trabalho dos mais pequenos. Porém, mal nota um automóvel avenida acima, larga, vai ter com ele. Foi justamente numa altura destas que eu, subindo um recanto dos jardins, dei fé dorapaz que passou ao pé de mim, levado; vou acaçar aquilo. Eram dois senhores importantes, nada menos que o Banco de Portugal e a Casa da Moeda. Que dois! Conversamos todos. Júlio, que passava, entrou na conversa e explicou como andam os negócios da tipografia. Avelino, que também passa, perguntado diz do jornal. Perguntado sim. Avelino nunca diz nada sem que lhe perguntem. Os dois senhores falaram e falaram e falaram. Eles são o Banco de Portugal e a Casa da Moeda e se eles quizessem eu podia fazer muito bem ao mundo...

*** Os senhores leitores que tanta graça acham à jornal, não fazem ideia nenhuma de que trabalhos ele é feito; não sabem. Começa porque eu não posso escrever e chamo um. Mas eu não posso naturalmente chamar o melhor, porque esses são precisos nos escritórios do Júlio e do Avelino; tenho de chamar um qualquer. Ele apresenta-se no meu escritório e eu apresento-lhe os linguadros de papel. O meu ajudante toma a caneta e não leva cinco minutos que não tenha os dedos borrados de tinta e o papel da mesma sorte. Se lhe peço contas ele responde: é a tinta. E eu calo-me; é a tinta. Os primeiros quinze minutos, o rapaz presta alguma atenção e está quietinho; mas outros quinze já assim não faz. Não pode fazer. Eu digo alhos e ele vai e põe bugalhos. Eu enfureço-me, naturalmente, para logo cair em mim e retirar a furia. Fazemos as pazes. Recomeço. Dou de novo com a veia e apenas no melhor dela, entra um pela porta dentro com sangue no nariz, dum murro que lhe deram. Estes aído, vem outro dizer que me chamam à telefone. É outro, que chegou um espada. E outro, que estão ali pobres. E mais e mais e mais. Lá se vai a veia. Aí vem a furia. O ajudante já não pode estar por mais tempo. Júlio, por outro lado, manda pedir linguadros que está o prelo à espera. Eu torno a cair em mim. Eu espanto-me de que alguma coisa saia de tudo isto; e em vez de famoso, como até aqui, eu proponho agora o nome de o espantoso.

*** Mais Presidente. Outra vez ele; os senhores tenham paciência e queiram escutá-lo. Ele já me tinha dito, usando a sua experiencia, que os automóveis do Brasil, são todos generosos: aquilo é tudo gente de nota. É sempre que fisga um, abre o relatório e mostra aos visitantes a sua eloquencia. Ontem à tardinha, entra no meu escritório e entrega uma nota de cem. Queda. Finge, por um nada, não ter mais nenhuma e puxa por outra. Puxa por outra. E mais outra. E agora olhos a faiscar, uma de mil. Estas são ruins de acaçar, informa ele. Para isto é preciso explicar tudo como é a nossa casa. Foi na vataria e já na despedida, que eu a acacei. Disse do

mente, e a tirarmos roupas que estão no prego.

Por isso já podem ver os nossos amigos que temos que nos mexer para que não falte a esmola aos nossos pobres. Continuamos a esperar da generosidade dos nossos leitores e amigos, uma vez que o período de férias está a terminar, porque os nossos pobres não tiveram férias no que respeita ao receber a sua esmola e por tal o dinheiro está no fim.

Esperamos também que nos mandem roupas usadas ou novas, às vezes tão esquecidas no fundo das arcas. Não é assim estimado leitor?

Seja tudo por amor de Deus e dos pobres.

CARLOS VELOSO DA ROCHA

leite que os mais pequeninos tomam e que é preciso muito farelo e que o Pai Américo tem pouco dinheiro e foi então que o senhor teve pena e deu este conto.

Ora vejam os senhores visitantes como nós temos por cá carteiristas e procurem acautelarem-se... se forem capazes!

*** Temos aqui um rapaz, quase um rapagão, que tinha lá fora um nome postiço e aqui, sem se saber de nada, os companheiros deram-lhe o mesmo. Papagaio. E' o Papagaio. Quando perguntei a razão todos disseram o mesmo; ele anda sempre a cantar. E é verdade. Papagaio é refeiteiro. Toda a casa anda cheinha da sua voz. Ele sabe e executa todo o reportório da Amália Rodrigues. E' um gosto viver na nossa aldeia. Papagaio gosta de ir à telefone. Como é maior do que os seus companheiros, mal a campainha toca, ele passa à frente de todos e é o primeiro a responder. Muitos hão-de achar estranho ao ouvirem do lado de lá, daqui fala o Papagaio. Eu oiço do lado de cá e acho graça. Eu acho bem. Tudo quanto lhes dê alegria é para mim alegria. Mas ele há outra celebridade do Papagaio. Foi uma revelação. Anda aqui tudo assombrado. Papagaio é um quase divino. Foi o caso que, ontem, domingo, por não haver jogo da bola, o chefe foi por uma das nossas bicicletas para entreter os rapazes no campo; a cada um dez minutos dela. Papagaio estava, mas passou por vez. E tornou a passar por vez. E tornou. Aqui insiste e pede e refila e declara que sabe como ninguém. Chefe dá-se por vencido. Entrega-lhe o aparelho. Papagaio toma conta e agora é que foi Eu estava na varanda do meu escritório e também fiquei assombrado.

Ele anda de pé em cima do selim. Ele senta-se neste e guia com os pés. Ele deita fora a boina e vai buscar sem parar. Voltas e reviravoltas, como nunca ninguém! Uma celebridade!

FALTA DE TRABALHO

Aproxima-se o fim do ano, a época em que todos notam nas estantes ou nos armários, as necessidades de impressos. Pois bem. Que seja a nossa tipografia uma daquelas a servir as vossas necessidades tipográficas. Que sejam os nossos gaiatos a executar grande variedade de trabalhos tipográficos. Que alegria não sentirão os leitores ao receber as encomendas e ao reflectir o que eles eram ontem e o que eles hoje fazem!... Eles!...

Não importa que sejam clientes do Minho ou do Algarve. Não importa. Os meios mais práticos de comunicação, farão chegar até aos vossos escritórios, às vossas fábricas, aos vossos laboratórios, aos vossos consultórios, às vossas lojas, aos vossos estabelecimentos comerciais tudo, de tudo o que solicitarem. Meus senhores, nascemos ontem, é certo, mas já podemos trilhar o caminho dos grandes. Mas trabalho?...

Na nossa Obra, o trabalho é um dos principais meios de formação. Aquele que ontem encontravas na rua, a remexer um caixote de lixo, a assaltar estabelecimentos, a praticar delitos de lesa sociedade, vem quantas e quantas vezes habituado ao não te rales, em suma, a nada fazer. Então, como debelar o vício da preguiça? Habitua-los ao trabalho. Depois, com o tempo, serão e quantos já são—vossos empregados.

Trabalho de tipografia, eis o que solicitamos. Será mais um sacrificio, sim. Mandar o pedido pelo correio; os que desejarem, esperar por provas; receber os serviços executados também por uma via qualquer, diferente da antecedente. Uma coisa nova, consequência—receio. Somos assim naturalmente. Mas, desde que se veja interessadamente o fim, com um empurrãozinho, galgar-se-á tudo, até o pedido de serviços de tipografia chegar pelas vias mais ao vosso alcance, à Tipografia da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. J. M.

Noticias da Conferência da nossa Aldeia

No número passado por absoluta falta de espaço, foi impossível transcrever uma carta que merece ser publicada nesta coluna dos Pobres. Ela aí vai:

«Com grande mágua li a noticia que vos era dirigida do Lar de Coimbra para aquela senhora que está tuberculosa, pois não descansei enquanto não dei qualquer coisa, porque além de ser também pobre, mas para a momento não é o que interessa, mando estas duas caixas que tinha para meus filhos, mas têm tempo, porque se lhas ia dar não era por doença, graças a Deus.

Não o maço mais pois tenho que me deitar para ir no carro das 4 1/2 naPraça para a Boavista, pois sou guarda-freio. Desculpe a letra, pois foi grande a alegria de poder concorrer para essa doença.»

Um guarda-freio! Um guarda-freio a afligir-se com o seu irmão que sofre—não descansei enquanto não dei qualquer coisa... De facto o Evangelho faz lume nas almas e queima os corações. A propósito, escreve-me o meu colega vicentino de Coimbra a solicitar-me que peça aos senhores médicos, laboratórios e dum maneira geral a todos os leitores, para que ajudem à Conferência do Lar de Coimbra, remetendo-lhes medicamentos para a cura da tuberculosa, e também um seu filho.

Aqui fica o alvitre e da mesma forma o desejo do meu colega de Coimbra. No entanto, espero que seja ouvido. E agora para ele—nós assim unidinhos, fazemos alguma coisinha. Na vida vicentina tem de ser assim. A união faz a força!

Muito bem. Agora aí vão todos aqueles que desejam com palavras e obras, minorar a miséria do Pobre. São muitos. Temos o mundo por nós.

Um nosso amigo e conhecido do Coliseu do Porto envia mais 20\$00 para a conferência. Sr. José Rocha; talvez este ano aí nos tenha... Outro cartão de cartolina branca, sem nada de nada, a não ser a quantia e o seu destino. Dar e esconder, eis o que nos ensina o Mestre. Os senhores lembram-se, concerteza, de eu dizer que viria possivelmente uma bolada em cheio? Pois ela aí está e veio de Famalicão; foi um nosso visitante, que viu, admirou, sentiu e depois tomou-me lá. Como Deus escuta os que nele confiam! Confiança. Oh palavra que só tu enches as almas! Em seguida Coimbra—a princesa dos doutores e doutoras—chegou-se até nós com 100\$00! Agora o Lobito. A África e os senhores africanos a atravessarem o Atlantico e a destinarem alguma coisinha para a nossa conferência; é por alma dum mãe que muito sofreu—50\$00. Da Invicta 12\$50. Da visinha do Marão 50\$00. Como o Marão é lindo e como o Criador nos oferece o Belo para extasiarmos! Não é preciso sair-se de Portugal para ver...

Queiram ter a bondade de ler mais esta carta:

«A leitura do melhor jornal do mundo—O Gaiato—não nos pode deixar indiferente.

Guardava este dinheiro que envio, para comprar coisas para mim, que bem se podem dispensar, mas ao ler o «Gaiato» resolvi enviar estas quantias para ficar com a consciência mais sossegada.

Envio 50\$00 para para a Conferência de Paço de Sousa. Se Deus quiser os Pobres da Conferência não hão-de morrer à fome.»

Outros 50\$00 de Lisboa. Senhores do Porto metam-se em brios e mandem alguma coisinha se fazem favor. A cidade do Porto caminha sempre na vanguarda. Ainda tenho fixadas na minha mente, aquelas sinceras palavras do nosso Pai Américo: *ai Porto, Porto; quão tarde te conheci...* Tomem atenção, fala mais alguém:

«No último Gaiato li uma noticia que bastante me entristeceu.

A nossa conferência está precisada, e os nossos pobres têm fome...

O' tantas sobras há por este Portugal fora, já não digo mundo...

Esta frase é triste ao ouvir-se, quanto mais triste sentir-se...

Nós que chegando à hora temos a nossa refeição! E como somos cruéis para os nossos irmãos!...

Há sobras de tudo, tudo quanto faz falta a outros, que nada têm.

Junto envio para um bocado de pão para o da queixa; esse doente que de tudo precisava.»

Para quem tiver desejo de nos ajudar, basta que escrevam para a Conferência da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Cada vez vamos tendo mais responsabilidades e para solvermos os compromissos esperamos que o nosso alvitre do número passado seja ouvido. Doze a dar—doze a receber. Como resolveríamos as nossas dificuldades!

J. M.